



**UNILAB**

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS  
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**AILA ANTÓNIO GOMES**

**RITOS FUNERÁRIOS DA ETNIA PEPEL DE BIOMBO**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2016**

**AILA ANTÓNIO GOMES**

**RITOS FUNERÁRIOS DA ETNIA PEPEL DE BIOMBO**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como pré-requisito para obtenção parcial de créditos do título de Bacharel em Humanidades sob orientação do Prof. Dr. Pedro Acosta Leyva.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Acosta Leyva.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2016**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da Unilab  
Catalogação de Publicação na Fonte

G612r

Gomes, Aila António.

Ritos funerários da etnia Pepel de Bombo / Aila António Gomes. - 2016.  
40 f. : il. mapas, color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da  
Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2016.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Acosta Leyva.

1. Etnologia - Guiné-Bissau. 2. Pepel de Bombo (Grupo étnico) - Guiné-Bissau.  
3. Ritos e cerimônias fúnebres - Guiné-Bissau. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 393.9665

**AILA ANTÓNIO GOMES**

**RITOS FUNERÁRIOS DA ETNIA PEPEL DE BIOMBO**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como pré-requisito para obtenção parcial de créditos do título de Bacharel em Humanidades sob orientação do Prof. Dr. Pedro Acosta Leyva.

Data de aprovação: 02/12/2016.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Dr. Pedro Acosta Leyva (Orientador)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

**Prof. Dr. Paulo Sérgio Proença**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

**Prof. Dr. Basillele Malomalo**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Dedico este trabalho ao meu querido primo  
Helder Antônio Gomes que estará sempre  
em nossas memórias. Que Deus o tenha!

## **AGRADECIMENTOS**

À Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira-UNILAB e à seu corpo Docente, Discente e técnicos administrativo, em especial à Campus dos Malês.

Aos meus irmãos, Mohamed Aila Gomes, Watson Aila Gomes, Osvaldo Coro Nanque, Euclides Vieira, e minha querida Avó Polamlé, meu muito obrigado à Todos.

*“É preciso dizer: eu quero fazer, eu vou  
ter sucesso, vou lutar e conseguir”*

(DE MORAIS)

## RESUMO

A Guiné Bissau é rica em culturas. Justamente falarei sobre a cerimônia fúnebre na etnia Papel de Biombo que está situada no norte da Guiné Bissau, são aldeias que são regidas pelos homens mais velhos da comunidade, a mando do rei que é considerado o líder geral. Sabemos que a morte é um acontecimento natural e devemos aceita-la daí quando morre alguém da nossa família da nossa linhagem devemos nos responsabilizar por aquele corpo, é justo que ele morra na sua casa onde foi criado, mas quando isso não acontece deve ser levada a notícia até o familiar mais próximo que vai dar os primeiros passos para os rituais, o corpo deve ser levado em sigilo para casa do choro, pois não é permitido ninguém que não seja da linhagem ver. A partir daí esses familiares vão começar o procedimento de lavagem do corpo que é realizado por uma viúva da mesma linhagem, na presença dos filhos e dos familiares mais próximos do defunto. Após é começado à doação dos panos para enrolar o corpo para ser mostrado ao público, a divulgação da morte é logo ao amanhecer. O corpo já estando sobre os panos é levado para as ruas onde todos poderão vê-lo e daí também começar o interrogatório do defunto que é onde vai descobrir a causa da morte se foi o Irã ou alguém. Depois o toque de choro que são os últimos momentos dos familiares com o corpo antes de ser enterrado, após o enterro vem o toque de choro onde são sacrificado uma vaca e é tocado os instrumentos sagrados e os familiares gritam o nome do parente falecido correndo de um lado para o outro. Esse ritual sempre deve ser feito para que aquela alma entre no mundo dos ancestrais.

**Palavras-chave:** Etnologia - Guiné-Bissau. Papel de Biombo (Grupo étnico) - Guiné-Bissau. Ritos e cerimônias fúnebres - Guiné-Bissau.



## ABSTRACT

Guinea Bissau is rich in crops. I will talk about the funeral ceremony in the ethnic role of Biombo which is situated in the north of Guinea Bissau, are villages that are governed by the older men of the community, at the behest of the king who is considered the general leader. We know that death is a natural event and we must accept it from there when someone in our family dies we must take responsibility for that body, it is only right that he dies in his house where he was raised, but when it does not have to be taken In the news to the next of kin who will take the first steps into the rituals, the body should be taken privately to the house of weeping, for no one other than the lineage is allowed to see. From there, these family members will begin the body washing procedure performed by a widow of the same lineage, in the presence of the deceased's children and close relatives. After the donation of the body-wrapping cloths to be shown to the public is begun, the announcement of the death is as early as dawn. The body already lying on the cloth is taken to the streets where everyone can see it and from there also begins the interrogation of the deceased who is going to find out the cause of death whether it was Iran or someone. After the cry of crying, which are the last moments of the family with the body before being buried, after the burial comes the cry of crying where a cow is sacrificed and the sacred instruments are played and the family members scream the name of the deceased relative running from. side to side. This ritual must always be done for that soul to enter the world of ancestors.

**Keywords:** Ethnology - Guinea-Bissau. Funeral rites and ceremonies - Guinea-Bissau. Pepel de Biombo (Ethnic group) - Guinea-Bissau.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b>	Mapa da Guiné-Bissau	13
<b>Figura 2</b>	Defunto depois de último dia de vestir o defunto no meio público para sepultamento	22
<b>Figura 3</b>	Defunto dentro do djongago, para início interrogatório	29
<b>Figura 4</b>	Iran de N'kugã	32
<b>Figura 5</b>	Toque de choro	34

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>CAPÍTULO 1 - SITUAÇÃO GEOGRÁFICA DE REGIÃO DE BIOMBO E MODO DE VIDA DOS PAPEIS DO BIOMBO</b>	<b>13</b>
<b>3</b>	<b>CAPITULO 2 - A MORTE</b>	<b>17</b>
<b>4</b>	<b>CAPITULO 3 - CHORO (TCHUR)</b>	<b>20</b>
<b>5</b>	<b>CAPITULO 4 - O INTERROGATÓRIO DO CADÁVER</b>	<b>28</b>
<b>6</b>	<b>CAPITULO 5 - TOQUE DE CHORO (TOKA TCHUR)</b>	<b>34</b>
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>39</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>40</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Sobre os diversos temas que poderia abordar no meu projeto de pesquisa escolhi falar sobre os Ritos Funerários na Etnia Papel de Biombo, onde eu vou falar sobre a “ Morte” e as formas de tratamento do corpo até o enterro definitivo. A morte como sabemos é um acontecimento natural e faz parte do ciclo da nossa vida onde nascemos, crescemos, reproduzimos e morremos, e por isso devemos aceitar quando ela chegar para nós ou um ente querido.

Na Guine Bissau propriamente na etnia Papel são feitos alguns rituais quando morre alguém naquela comunidade, dentre esses está o choro, que é o lavamento do corpo e como deve ser feito, quem deve lavar esse corpo, quando vai ser divulgada essa morte, o interrogatório do cadáver, que vai mostrar a causa daquela morte podendo ela ser de Ira ou uma comunidade e como é feito esse ritual de descobrimento, e o Toque de choro é a cerimônia final onde é feito um ritual para que aquele corpo possa ser recebido pelos ancestrais no mundo do além e é de grande importância que venha ser feito esse último ritual para que os caminhos venham ser abertos e aquela alma possa descansar.

Então há toda uma preparação quando alguém parte para outra vida na etnia papel, e as pessoas da mesma linhagem devem estar presentes e realizar todo esse procedimento e prestar os últimos agradecimentos e homenagens aquela pessoa que se foi.

## 2 CAPÍTULO 1 - SITUAÇÃO GEOGRÁFICA DE REGIÃO DE BIOMBO E MODO DE VIDA DOS PAPEIS DO BIOMBO

Região de Biombo fica situado no norte da Guiné-Bissau, a sua superfície é de 838,8 km<sup>2</sup>, com o total de 97.120 pessoas, faz o biombo a mais intensamente alagado dos nove delimitados no país, inclusive o capital Bissau. Região do Biombo é constituída por tabancas (aldeias) onde que encontram familiares grandes, dividida casa individuais, mas cada aldeia tem um representante máximo que é um homem mais velho que pertence a mesma aldeia (em crioulo chefe da moransa).

**Figura 1** - Mapa da Guiné-Bissau



Munanga (1995) afirma que, que através de grupos que figuram dentro da aldeia que são controlados por homens mais velhos na comunidade ou chefes das linhagens, certamente não é um poder máximo, o poder máximo sempre pertence ao rei da região:

A aldeia constitui a menor unidade territorial e, portanto, é a pedra angular da estrutura política. Ela pode ser composta de uma linhagem ou de mais linhagens. O conjunto de aldeias forma a chefia, encabeçada por um rei pertencendo à linhagem chefal, geralmente a mais velha de todas. O rei simboliza a chefia e tem obrigações religiosas. Seu poder não é absoluto, pois é contra-balançado pelo conselho composto dos chefes de aldeias, chefes de linhagens e outros notáveis da corte (MUNANGA, 1996, p.61)

Nas tabancas construídas por famílias, parentes sempre existe normas de cada banca ou aldeia para melhor compreensão na sociedade formada, dirigidos por

homens mais velhos ou linhagem de clã e o rei ou regulo que é o chefe máximo de cada tabancas com um sentido de resolver problemas sociais da aldeia ou tabanca.

A sociedade papel é composta por sete clã ou linhagem diferente, entre eles o clã Jagra são únicos que pode ser regulo ou rei no seio dos outros seis clãs, os sete (7) clã são: “Insó, Bodjucumum, Bassafinté, Baiga, Bassutu, Batate e Jagra (a mais nobre). A sua organização política funda se em regime absoluto por sucessão dinástica da família Jagra, com privilégios de fidalguia” (SIMÕES,1935, p.65).

Segundo Campos(2016), dentro desses sete clãs, cada clã tem o seu apelido e ocupava território diferentes e também todos os setes é representado por animais com um símbolo. Por exemplo, clã Insó eles ficam situado no bandim setor autônomo de Bissau, de apelido Có e tem como símbolo de sapo, porque eles são um dos melhores agricultores gostava de água com o sapo; clã Bodjucumum, fica situado no setor autônomo Bissau, de apelido Cá um distante com os outros e eles são conhecidos como grandes guerreiros tem com símbolos Hienas porque agrediam os inimigos; clã Bassafinté, os clã deles se encontra no região de Bimbo interior de Bissau é de apelido Té, e eles são experientes, tem como símbolo Lebre, porque são experiente como Lebre; clã Baiga, fica situado no capital Bissau, no bairro de Luanda de apelido Sá, tem como símbolo cabra do mato, eles se alegavam o mais rápidos de todos; clã Bassutu, que se junta no bairro de mindara que fica situado dentro do capital Bissau de apelido Djú, tem como símbolo (em criolotimba) urso formigueiro; clã Batate, os territórios deles fica situado no região de Biombo pertence apelido Indi, tem como símbolo de macacos porque eles são bons no subir as arvores e especialistas de tirarem o vinho em palmeiras e eles pode circular em todos os lugares que se encontram os outros clã sem problemas nenhuma e enquanto o clã Jagras, são eles que dão o nome do capital que é Bissau eles tem como apelido Nanque, eles são mais no de todos e sempre são único que pode ser reis ou régulos em todos territórios onde se encontra os papeis dependendo da zona.

O rei (régulo) da etnia papel desempenha uma grande função no seio da sua comunidade, ele é o último a tomar decisão, as vezes tem vários problemas que a autoridade de estado não consegue resolver, o regulo consegue resolver com muita facilidade, a importância do regulo não só nas cerimônias tradicionais, mas sim englobando em todos os aspectos da vida da comunidade que ele pertence:

O régulo é, atualmente, a personificação da autoridade costumeira, e convive com as instituições criadas pelo estado guineense, normalmente os comitês de tabanka. Desde modo continua a deter uma posição proeminente no seio da sociedade papel e a sua autoridade é decisiva na resolução de problema do quotidiano assim como na celebração de cerimônia e rituais, já que o seu cargo se reveste também de uma dimensão religiosa importante (SARAIVA, 2003 p.180)

Ultimamente chefes religiosos vive com alguma condição usada pela posição de estado guineense, que antigamente era feito ligação de estado com comitês de aldeias na definição dos problemas encontradas nas aldeias, e o trabalho maior dele tem haver mais com os antepassados e a religião na religião das cerimônias.

Para os papéis, a religião é o pilar do conjunto de preceitos e normas que regem a sociedade. Consideram a existência de um ser superior, Usi (pap: Deus) e de inúmeros espíritos, denominados irãs em crioulo (ussai, em papel), que se encontram em diferentes locais e podem adquirir as variadas formas (SARAIVA, 2003, p. 180).

De acordo com Saraiva (2003), a religião é fundamental para os papéis, ligados com regras dentro da sociedade papéis que dos avanços para alcançar os seios objetivos, mas sim sempre considera Deus em cima de tudo, cada espírito tem um nome especial, mas o nome em comum é irã, nós podemos localizar o irã em vários locais tanto no capital assim tanto na região.

Segundo Semedo (2010), sobre o origem do nome papel é nominado pôr os portugueses, por causa da revolta dos papeis para não pagarem os emposto pôr os papeis acham por bem que eles são donos da terra não devia pagar nada, sempre que os portugueses enviaram a notificação os papeis pega de volta à procura de administrador para reclamarem os seus direitos, cada zona onde encontram os papeis eles são chamados consoante zona por exemplo, papeis de zona de reino de tor é chamado de n'tor e de Safim é chamado de n'safim:

Os portugueses pagaram tributo aos régulos papéis até finais do século XIX, altura em que impuseram o pagamento dos impostos de cabeça e de palhota aos nativos. Conta-se que o nome dessa etnia estaria ligado ao relacionamento difícil com o colonizador. Os habitantes da ilha de Bissau, muito rebeldes, nunca quiseram pagar os impostos de palhota e de cabeça impingidos pelos colonizadores e, sempre que recebiam a notificação de pagamento, levavam o "Papel" diretamente à administração, reclamando serem eles os donos do chão e que por isso não deveriam pagar nada. Assim, sempre que os homens apareciam, os brancos exclamavam "aí vêm os homens do Papel". Informa ainda Semedo que o nome Papel ficou, e que na língua local esse grupo se autodenomina *ussau* (o grupo papel da região de Biombo se autodenomina *yum*)" (SEMEDO, 2010, p. 53).

Antigamente os papéis atribuíram consoante local onde se encontra localizado, mas com chegada dos portugueses nominaram os nativos do papel que significa folha do papel, através da manifestação contra ideias dos portugueses que era cobrança de impostos por nativos do país por causa de abusos malfeitores que sempre pense que são superiores de todos coisas criados Deus e deuses.



### 3 CAPITULO 2 - A MORTE

De acordo com o autor, a morte é uma passagem para todos os seres humanos ou para todos os seres, a morte não escolhe exclusivamente o mais velho pode ser qualquer que seja indivíduo ou o ser.

A morte, evento universal para os seres vivos, não se refere apenas aos idosos. Em qualquer idade, ela, a inominável, a famigerada, a horrenda - qualificativa bem ocidental - pode se apresentar sem pedir licença e sem se incomodar com o muito ou pouco tempo vivido por sua vítima" (LOUREIRO, 2008, p. 855)

No vaivém da vida a morte é companheiro essenciais, sempre é uma adivinha para ser humano com tudo tem um algo em comum com os animais nascimento, a doença e morte, enquanto o ser humano sabe que um dia vai morrer:

O jogo existencial do ser humano, do qual vida e morte se fazem parceiras inseparáveis, é um problema dos vivos e, apenas e tão somente, dos vivos humanos, pois, embora compartilhem o nascimento, a doença, a juventude, a maturidade, a velhice e a morte com os animais, apenas os seres humanos, dentre todos os seres vivos, sabem que morrerão (BELLATO, CARVALHO, 2005, p.100).

A morte é um fato histórico daríamos ainda nos coloca uma meta na nossa vida. A relação a existência da morte não sabe sobre uma separação íntima e alma e o corpo que não pensa na realidade.

O homem nasce cresce e morre, sempre o ser é sujeito a morte na vida cotidiano que sempre está nas nossas vidas, que nunca tem o dia marcada nem a hora marcado, sempre chega sem avisar na hora da chegada da morte que não permite se despedir dos nossos parceiro ou amigos nem da família.

Na nossa sociedade sabemos que a morte nunca tem uma boa personalidade trágico, é um acontecimento universal do qual cuja do que é real para a linhagem, sociedade e no mundo "a morte não tem um caráter trágico, pois significa apenas o desaparecimento de um ser cuja realidade última está inteiramente subordinado as entidades preexistentes, que sobrevivem em ralação a ele: linhagem, sociedade, mundo" (MUNANGA, 2012, p.67).

Segundo Lunardi a morte é um significado integrante na nossa vida, o viver globalmente provoca o fato e estar junta com ela, muitos embora o ser humano crie

regras contra, negando as realidades. As ordens representadas pelos indivíduos facilitam, o indivíduo não responde por a si e deixar morte e dificulta a maneira como nos julgamos o ser no mundo.

A morte uma dimensão integrante da vida, o viver plenamente implica a aceitação e o convívio com ela, muito embora o ser humano crie dispositivos de segurança, negando, assim, essa realidade. Os mecanismos de defesa apresentados pelos indivíduos possibilitam que se ignore a morte e se dificulte a percepção da finitude do ser no mundo (LUNARDI, 2004)

De acordo com o Crossetti (1997), o homem aceita a morte como o acontecimento natural da vida humana, porém mostra um grande obstáculo de reconhecimento como algo normal da natureza. Para abraçar um perfil para defender a si mesma a morte responsabilizando-se por seus atos de pensar e agir, que demonstra seus sentimentos reais perante o acontecimento.

O homem admite a morte como um fato, porém apresenta grande dificuldade em assumi-la como um modo de ser da natureza humana. Adotar uma postura de autodefesa diante da morte garante ao ser o simples ato de pensar e agir, dissimulando seu verdadeiro significado (CROSSETTI, 1997, p.66).

O homem é o ser que tem medo do algo, é isso que leva o ser humano de proteger para não acontecer o algo ruim nas nossas vidas e lutar também para vencer a morte:

O ser humano teme a sua finitude, a sua morte, e a afasta do campo consciente eufemizando-a na tentativa de postergá-la ou nem pensando nela, mas há os que lutam na ilusão de vencê-la. As reações são variadas ante a morte, dependendo do imaginário de cada um. Estas são atitudes estruturadas de forma diferente, que se representam com imagens diferentes, o que se percebe nos modos de carregar a vida e se posicionar no mundo, na sociedade e diante de si mesmos (LOUREIRO, 2008, p.855).

O homem é o ser que sabe que um dia vai morrer mas cedo ou mais tarde porque tem consciência da natureza, mas sempre na tentativas de proteger a morte no sentido imaginário, cada qual pense a sua morte de forma diferente que cabe a sua imaginação.

O Barboza refere, o homem é o ser que aceita suas maneiras próprias de amar e viver e reconhecer os fatos sócios da vida e da morte, que conforma também com diferente situação de vida que é o destino do homem:

O homem é o único ser que reconhece suas próprias condições de vida e adquire a consciência da morte. Ao reconhecer a morte do próximo, tem a consciência do seu próprio destino. Embora não possa experimentar a morte do outro, o homem chega ao estado de angústia e de apreensão, pois essa morte o ajuda a penetrar na dimensão do fenômeno”. (BARBOZA, 2013, p.126)

No vaivém da vida a morte é companheiro essenciais, sempre é uma adivinha para ser humano com tudo tem um algo em comum com os animais nascimento, a doença e morte, enquanto o ser humano sabe que um dia vai morrer:

O jogo existencial do ser humano, do qual vida e morte se fazem parceiras inseparáveis, é um problema dos vivos e, apenas e tão somente, dos vivos humanos, pois, embora compartilhem o nascimento, a doença, a juventude, a maturidade, a velhice e a morte com os animais, apenas os seres humanos, dentre todos os seres vivos, sabem que morrerão (BELLATO, CARVALHO, 2005, p.100).

É um grande desafio entre vida a morte que tem uma grande ligação desde o início da nascença do homem até nas últimas fases da vida sempre a morte esta presente, o homem também tem vida comum com os animais pois o animal nasce cresce e more como um qualquer ser.

Ao falar da morte sempre é visto como um acontecimento estranho ou trágico para sociedade, sempre levamos o susto a ouvir a falar da morte, por fora de nós em si mesmo, porque imaginamos isso em segunda ou terceira pessoa:

A morte não é uma ideia, mas sim uma ‘imagem’, como diria Bachelard, uma metáfora da vida, um mito, se quisermos”, mas ela está aí, por aí, bem longe ou bem perto de nós. Ela é parte da vida, ela orchestra a nossa existência de forma harmônica ou sem harmonia, colocando-nos no compasso ou descompasso da vida Morin (1970) apud Loureiro (2008, p.856)

Sempre tem sociedades que valoriza a morte e dão ao repito a morte dependendo da cultura, espaço e religião, nas maiorias das sociedades africanas é um dever dar valor a morte “Há uma sociedade que respeita o homem e aceita a morte: a africana; e outra mortífera, tanatocrática, onde a morte atormenta e terrifica: a ocidental” (Thomas, 1980, p.527).

#### 4 CAPITULO 3 - CHORO (TCHUR)

Segundo o autor o choro em etnia papel é o morto em diferentes etapas das cerimônias ritual do defunto em diferentes etapas como, lavar o corpo do cadáver, vestir o defunto com os panos, julgamento do defunto, nos enterros, no toque do choro e nas cerimônias do choro. “O choro propriamente dito, que tem lugar imediatamente após a morte e que compreende os cuidados com o cadáver, o seu embrulhamento em pano e o interrogatório do defunto seguido de inumação” (SARAIVA, 2003, p. 183).

Logo após a morte, a porta do quarto onde está o cadáver é fechada, até chegar os familiares mais próximos do defunto para começar o primeiro tratamento para o cadáver não se decompor mais rápido e usar alguns métodos que ajuda combater o cheiro do cadáver, usando técnicas tradicionais, o cadáver é vigiado também para não entrar pessoas estranha que não pertence a mesma linhagem do defunto e essa tarefa é feita pelos sobrinhos da (moransa) comunidade onde vai ter a cerimônia de choro, Clara Saraiva demonstra que:

Durante a noite o corpo é guardado- e acompanhado pelos familiares mais próximos – dentro da casa, onde se queimam folhas de limão e ervas que atenuam o cheiro exalado pelo corpo em decomposição; também com o mesmo fim se molha a boca de defunto com aguardente de cana. É importante virar-se o corpo várias vezes durante a vigília, de modo a que os líquidos, que se soltam do cadáver em decomposição não manchem os panos. São os sobrinhos da comunidade (moransa) que são normalmente encarregados dessa tarefa” (SARAIVA, 2003, p.194)

O cadáver dentro do quarto é vigiado como se fosse uma grande fortuna para ninguém tentar mexer e proteger da entrada da outro clã diferente, é isso que leva a vigília por parte dos familiares próximos, depois dos trabalhos feitos de arrumar o cadáver de acordo com a tradição com familiares próximos vem os sobrinhos da casa para fazer parte deles que é cuidar do cadáver para não cheirar.

Na etnia Papel no caso da morte se encontrar uma pessoa da mesma etnia morto, rapidamente procura conhecer a linhagem do morto antes de realizar os primeiros passos de tratamento do corpo:

Quando houve uma situação da morte em qualquer família da etnia papel, primeiramente eles procuram, a saber, onde vai ser o campo da cerimonia e procurar saber também de onde vem (djorson) linhagem do indivíduo, e de leva o corpo depressa para poder resolver os primeiros passos. A situação ideal é a de alguém que morre e que é de imediato levado para casa onde

devem decorrer as cerimônias fúnebres. Aí se realizam os ritos primários a lavagem e o embrulhamento nos primeiros panos de modo a que os rituais públicos de embrulhamento passam ter, seguidamente, lugar. (SARAIVA, 2003, p.184)

A posição da família da etnia papel é muito forte no caso da decisão de qualquer ritual que seja ou que pertence a linhagem, o mais decisivo ou o rigor é na hora da morte que pertence a linhagem eles age com brutalidade no caso desentendimento com qualquer situação que afeta a linhagem que nem os filhos consegue de impedir.

Este primeiro conjunto de cuidados deve cumprir na esfera restrita dos familiares mais próximos, já que é interdito alguém de uma (djorson) linhagem diferente do defunto ver o corpo morto antes de ele estar embrulhado nos primeiros panos. A transformação que os rituais permitem operar no cadáver situa-se, assim, a dois níveis diferentes: o primeiro, de ocultação da poluição que um corpo em decomposição implica, pela aculturalização do cadáver através de um artefato extremamente valorizado.

No dia de vestir o corpo fora do quarto para dar acesos outros amigos verem o corpo no campo rodeado de parentes e amigos é visto também se realmente os familiares tem bens para vestir o defunto deles para não dar a vergonha a família “Para além de se assegurar o patrimônio indispensável para a sua realização, o palco onde vai ser cuidadosamente preparado de acordo com regras de condutas precisas interdito e prescrições várias” (SARAIVA ,2003, p.190).

**Figura 2** - Defunto depois de último dia de vestir o defunto no meio público para sepultamento



Segundo Saraiva (2003), a condição mais esperada é que a família deve morrer dentro da casa que ele pertence ou da família próximo para poder manter em sigilo com o acontecimento:

Idealmente, a morte deve manter-se em segredo até ser divulgada publicamente pelo toque do bombolon. A situação mais desejada é a de alguém que falece ao fim do dia ou a noite; os primeiros panos são colocados obrigatoriamente dentro da casa, pelos familiares próximos, durante a noite, e só na manhã seguinte o acontecimento é divulgado. A principal razão que leva a este secretismo é elaborada em torno do conceito da pertença à djorson. É considerado tabu, mufunesa (cre.: perigo, infortúnio) ver-se um morto de outra djorson antes do corpo estar tapado pelos primeiros panos e a morte dessa pessoa ser do domínio público. O primeiro contato que as pessoas podem ter com o morto deve coincidir com o momento (geralmente no dia imediato à morte) em que o cadáver é elevado para o exterior da casa para os rituais de embrulhamento (SARAIVA, 2003, p.190)

Normalmente quando morre um alguém a morte não é denunciada para o público, mas sim é denunciado para o familiar mais próximo e o responsável da comunidade. As situações mais e de alguém morrer a noite ou fim do dia onde não vai ter muitas pessoas circulando naquela casa, obrigatoriamente os familiares próximos colocam os primeiros panos dentro da casa depois divulga a morte logo de manhã muito cedo. A razão que leva a não divulgar a morte de alguém é porque não é aconselhável um indivíduo de outro (djorson) linhagem ver o corpo nu antes de ser tratado os primeiros passos do cadáver, ao ver isso é considerado um (mufunesa) tabu ver o morto que não te pertence.

Normalmente depois da celebração com os familiares próximos com o falecido, de lá a cerimônia passa a ser pública para todos os outros familiares mais longe, para os amigos, é assim que funciona na sociedade da etnia papel de biombo; Douglas mostra que

Suas mortes deverão ser, ou parecer, deliberadas, e ocasião de uma forma de celebração pública... as cerimônias não impedem, de nenhuma maneira, o reconhecimento último da velhice e morte física daqueles para os quais elas são realizadas. Esta morte é reconhecimento, mas é uma explica disto, para os sobreviventes, a qual é deliberadamente modificada pela realização dessas cerimônias (DOUGLAS, 2010, p.86).

Na maioria comemoração da cerimonia do ritual são públicas e claras para que todos que estão presentes ver e manifestar as suas necessidades perante morador da cerimônia.

O mais preocupante é morrer fora da casa da família ou morrer na casa de um homem que não casou tradicionalmente pelo uso tradicional da etnia papel, os familiares reúnem mais depressa para transportar o cadáver para o lugar onde vai ter o direito lugar da cerimonia de choro. “Para esta razão, também, a primeira preocupação relativamente a quem morre fora da sua tabanca ou moransa, é que o corpo seja de imediato (ou o mais rapidamente possível) e em segredo transportado para a casa onde vai ter lugar o choro” (SARAIVA, 2003, p.190).

De acordo com saraiva, quando um elemento de papel de biombo morrer, o corpo é molhado para familiares próximo para dar o trato no corpo do morto:

Logo após a morte, o cadáver é lavado com água e sabão. Para tal, é aberta uma cova no lado esquerdo da entrada da casa; este buraco é coberto com uma armação de paus, sobre o qual o cadáver é sentado, encostado na parede, para se proceder à lavagem, de modo que a água possa escorrer livremente (SARAIVA, 2003, p.190).

Depois da morte o cadáver é lavado com água e sabão na presença dos filhos, familiares mais próximos da morte, para o filho ou filha é muito importante presenciar e lavar o cadáver da sua mãe ou do seu pai é muito respeitável prestar os últimos momentos dos seus pais, sem a sua presença a sociedade te dá uma má imagem. A água lavada o cadáver não pode ser jogado nas ruas nem nos banheiros, não é admissível jogar a água sagrada do cadáver porque já mais não é uma simples água para ser jogado em qualquer sitio.

O responsável da lavagem do cadáver, uma mulher viúva da mesma (djorson) linhagem que o cadáver, se for um homem casado a mulher não pertence a mesma (djorson) linhagem com o marido. Na tradição papel é proibido o casamento das pessoas da mesma linhagem:

Esta tarefa é executada pelas viúvas, no caso de o defunto ser um homem casado. Note-se que estas mulheres não pertencem à matrilinearidade do defunto, já que, em princípio, as regras de casamento prescrevem a união isogâmica em relação aos membros da mesma djorson. As mulheres a quem um homem se une fazem parte de uma linhagem com quem a djorson do noivo estabelece uma relação de aliança duradoura: ela mantém-se para além da morte do marido são consideradas filhas dele. A importância vital para a sociedade desta ligação justifica a exceção aberta relativamente ao interdito que impede as pessoas de verem e tomarem contato com o morto de djorson diferente. Se necessário, e a pesar da não conformidade de um homem e, portanto, pertencentes à mesma djorson do defunto – podem lavar o corpo do seu consanguíneo (SARAIVA, 2003, p.191)



Mulheres viúvas tanto mulher casada desempenha uma grande função no seio da etnia papel, o casamento é um dos rituais mais importante que garante participação nas grandes cerimônias com tanta freqüência sem impedir, só se for cerimônia que não pertence ao clã deles, o homem e a mulher constitui um laço muito forte se a mulher sair de um casamento e ter filhos com o outro marido os pertence o primeiro que casou com a mulher ou si no caso mulher perder filho com o outro marido, a cerimonia vai ser na casa do primeiro homem e se homem morrer a esposa tem direito de voltar para participar nos primeiro passo da cerimônia pode já estar separado há anos tem que voltar.

Os parentes mais próximos – nomeadamente a viúva ou viúvo e o filho ou filha do defunto (a) – devem estar obrigatoriamente presentes no começo deste procedimento ritualizados, e são eles que oferecem os primeiros panos para o embrulhar o corpo (SARAIVA, 2003, p.192).

Em seguida o (panos) tecido é oferecido em ordem, as mulheres do defunto, filhos de defunto/a os mais velhos/as e depois os mais pequenos presencia para contribuir como seus filhos/as, com aqueles panos (tecidos) que o defunto vai usar no mundo do além e o resto dos panos (tecidos) oferecidos por amigos e parentes são devolvidos parentes dos amigos no mundo de além segundo o mito.

No caso do um homem, o primeiro tecido (pano) é oferecido pela primeira mulher do homem, a mulher que o homem casou no seu primeiro casamento, tradicional ou se tem as outras mulheres também eles seguiram uma lei de primeiro e depois vem a seguir se não tem mulher o tecido é oferecido pela família do defunto:

Quando se trata de um homem, essas primeiras oferendas de panos devem vir das suas mulheres e filhas, reafirmando deste modo as alianças entre linhagem estabelecidas pelo casamento e que agora a morte vem perturbar, mas de modo algum finalizar. É a sua primeira mulher que supostamente oferece o primeiro tecidos (panos), a segunda o segundo, e assim sucessivamente, seguidas das oferendas por parte da (s) filha (s) casada (s) do defunto. No caso de morto ser do sexo feminino, as primeiras oferendas de tecidos (panos) são da própria família da defunta ou da família do seu marido (SARAIVA,2003, p.192).

Depois da lavagem do corpo os familiares próximos devem aproximar-se do defunto para começar o processo doar pano, ninguém da família próximo quer perder essa parte porque são os últimos momentos que você pode ver o corpo de olho nuns.

Na etnia papel é muito importante ter filhas e não só filhos, porque quando morrer a mãe, a filha tem por direito de cuidar dela como na velhice e a morte, Clara Saraiva mostra que:

Se o morto é do sexo feminino devem obrigatoriamente ser mulheres pertencentes à sua djorson a fazê-lo. Esta é a principal razão por que é tão importante para uma mulher ter filhas, e não apenas filhos. As progenitoras que apenas dão à luz machos são, assinalando a preocupação constante por “não terem alguém para lhes lavar o corpo quando morrerem”. Na situação extrema de não haver descendentes diretos do sexo feminino, são outras mulheres da (djorson) linhagem – irmãs ou filhas das irmãs da defunta – que se responsabilizam pela operação (SARAIVA, 2003, p.191)

Para as mulheres da etnia papel é uma alegria ter uma filha que no futuro vai dar em conta na hora da morte da mãe na hora lavagem do corpo e para sua linhagem ou clã, filho macho dão alegria também, mas não como de uma menina, pois um filho macho nunca multiplica clã da mãe, mas sim ajuda na construção do clã dos outros em quanto que filha menina filhos delas são todos de clã da mãe.

E também é visto na sociedade guineense vários códigos a relacionados aos tecidos (panos) de pente e diferentes forma de usar pela cada etnia. Porque cada etnia usa da sua forma de interpretar o código:

Da mesma forma que uma mulher ou um grupo de mulheres vestidas de Camisa “disoka” [vestido branco comprido com rendados no peito] e pano de bandas brancas não precisa explicar que está tomando parte em cerimônias fúnebres – a vestimenta, por si só, traduz isso. Esses códigos são conhecidos pelos coetâneos e essa ciência facilita, naturalmente, o convívio e a interação entre os membros do grupo (SEMEDO, 2010 p.105).

Em quanto a relação da morte da criança, o cadáver não deve ser encargo pela mãe da criança, irmã/o ou avó dela/o pela lavagem, a lavagem fica encargo de uma mulher viúva que não tem laços fortes com a criança morto/a.

O corpo de uma criança nunca deve ser lavado pela mãe ou avó, já que se julga que é emocionalmente muito duro essas mulheres diretamente ligadas à criança tocarem de novo o defunto. Como tal esta tarefa fica a cargo de uma (mindjergarandi) mulher velha não aparentada com a criança (SARAIVA, 2003, p.191).

Enquanto o enterro da criança não pode durar dias como de um adulto, normalmente se uma criança morrer a noite o enterro pode ser de manhã ou pela tarde não pode passar dois dias ou mais.

Através de sofrimento da mãe e da avó da criança que levam elas a não participar na lavagem do corpo da criança que vai ficar em cargo da outra mulher, depois cerimonia feita para outra mulher daí a mãe poder só rosto da criança ou avó não é obrigatório ver o rosto da criança depende da vontade delas.

Depois do enterro ou depois da cerimônia a mãe da criança raspa a cabeça, como um código um sinal de luto. “O luto pela perda de um filho na etnia papel é manifestado por meio do corte de cabelos; a perda de um filho leva a mulher a raspar sua cabeça” (SEMEDO, 2010, p.106). E na morte também do marido a mulher raspa cabeça e usa sempre lenços na cabeça tudo indica um sofrimento por parte da pessoa.

## 5 CAPITULO 4 - O INTERROGATÓRIO DO CADÁVER

Na tradição Africana, sobre tudo na etnia papel o cadáver é interrogado para conhecer a origem da morte da pessoa usando sempre a filosofia da etnia papel “O interrogatório dos defuntos é uma forma tradicional de oráculo, processo divinatório como o objetivo de se conhecerem as causas da morte” (saraiva, 2003, p.202).

Segundo o autor para conhecer o caso da morte para etnia papel normalmente os homens ou a mulher que vai interrogar o cadáver se baseiam-se em três formas: a vontade de Deus, um feiticeiro ou manipulação de um irã a favor da sua vontade e ataque de um irã por não cumprir o combinado estabelecido:

Esta forma de oraculo destina-se a conhecer a razão da morte, investigando se ela foi devida a causa natural, feitiçaria, vingança de ira por falta de cumprimento de promessa ou de algum preceito, invejas familiares - da matrilinearidade ou patrilinearidade - ou outro motivo. Cobrem-se assim as três principais razões para a ocorrência de um óbito a vontade de Deus (ursi), a agressão de um feiticeiro ou de alguém que faz mal através da manipulação de um irã, e o ataque ou punição de uma ira. (SARAIVA, 2003, p.200)

Primeiramente perguntas questionado o defunto é invocado o nome de Deus em primeiro lugar, sempre nas cerimônias de qualquer tipo de ligação com os antepassados de Deus superior é chamada para dar o início a cerimônia, no interrogatório depois do nome do Deus começa a perguntar relacionado a vida do defunto de acordo com os lugares que ele freqüentava na terra vivo se não tem nenhum sinal começa a perguntar se ele tem algum contrato com o irã ou se morte dele é traves de mobilização de alguém com irã ou feiticeiro.

Cada defunto dentro do djongago na hora do interrogatório explica a razão da morte, os outros defuntos não falam a razão mas dão hipóteses para saber em frente com djambakus (pai do santo ou mãe do santo) para saber motivo da morte.

Depois de vestir o cadáver o corpo é colocado dentro de um djongago. O djongago é construído de acordo com o tamanho do corpo:

O corpo e colocado dentro de uma grande rudimentar construída com paus, de base retangular, semelhante a um tosco esquife, que toma em criol justamente a designação de djongago, nome pelo qual é assinalado o ritual em várias obras (carreira 1961a, 1966b, quintino 1966). O cadáver é posto dentro da grande e, por vezes, coberto com um pano que se ata nos quatro cantos, sobretudo se o percurso entre o recinto onde se desenrola o embrulhamento e o local da inumação é longo. A dimensão da grande depende da grossura atingida pelo corpo enrolado nos panos. Quanto mais

volumoso for o cadáver maior e mais larga tem de ser a grande (SARAIVA, 2003, p.200)

O djongago ajuda muito no caso do interrogatório do cadáver, ajuda na transportação do cadáver para o sepultamento mesmo sendo num lugar longe dá para fazer trocas no meio do caminho passando um para o outro, o djogago composto por vários paus bem maduros que não é fácil de partir no meio e depois de sepultamento o djogago é partido em cima do tumulo do defunto e os paus ficam lá até apodrecer.

**Figura 3** - Defunto dentro do djongago, para início interrogatório



Segundo João, a ligação que existe no meio do vivo com a morto não são herdadas de técnica nenhuma, pois cada povo teve as mudanças durante o desenvolvimento do mundo “as atitudes diante da morte e a relação entre vivos e mortos não estão separadas de processos histórico mais amplos, daí porque cada país “região cultura” teve uma cronologia própria das mudanças” (JOAO, p.78).

De acordo com a Saraiva (2003), mostra a ligação do morto entre vivos, nesse caso o vivo questiona causas direta ou indireta à morte, para conhecer a causa da morte:

Para o interrogatório a tumba é transportada aos ombros de vários homens jovens, seguindo à frente o oficiante da cerimônia, que pode ser o cônjuge do defunto (isto é, a mulher do marido defunto, ou o marido da mulher falecida), um familiar próximo ou ainda um ritualista especializado, tal como um djambakós. A esta pessoa cabe formular e dirigir as questões postas à alma do falecido, de modo a irem-se sucessivamente eliminando hipótese sobre a causa direta ou indireta do óbito. Na sequência do oráculo, várias pessoas, com diferentes tipos de ligação com o defunto, põem questões à tumba (saraiva, 2003, p.200)

As pessoas que podem fazer investigação na frente do defunto, pode ser a mulher do marido ou marido da mulher morta, familiares mais próximos do morto, (balobeiro ou balobeira) pai do santo ou mãe do santo; não pode ser alguém que não conhece as trajetórias do defunto durante percurso dele/a na terra.

Segundo Simões (1935), Balobeiro ele é responsável máxima na frente de grandes cerimônias que coloca as normas usadas de acordo com a cerimônia feita “Balobeiro dirige o culto é sempre que a justiça do regulo se aplica a ela assiste, sendo a miúde consulta” (SIMÕES, 1935, p.65).

O ritual não somente nos ajuda a selecionar experiências para concentrar a atenção. Também é criativo quanto ao nível de desempenho. Pois um símbolo exterior pode misteriosamente ajudar a coordenação do cérebro e do corpo. As narrativas dos autores frequentemente relatam casos em que um símbolo material exprime poder efetivo: o ator sabe o seu papel, sabe exatamente como quer interpretá-lo. (DOUGLAS, 2010, p.81)

A alma do defunto que, apesar da morte bem visível no corpo, continua ativa, é a personagem principal da cerimônia, já que é ela que não só, em última análise, dá as respostas, como dirigir a grande para a casa do defunto, do pai, ou na direção de pessoas que são assim compelidas a participar e a por questões à tumba.

Desta maneira vai-se averiguando acerca da imputação da culpa da morte à matrilinhagem, patrilinhagem ou alguma outra relação familiar. Os potenciais responsáveis não são apenas pessoas vivas, mas podem pertencer ao mundo dos mortos e estarem ofendidos por não terem sido respeitadas as regras de convivência entre os dois mundos, e não terem sido satisfeitos os pedidos por eles expressos, o que conduziu à punição por tal falta (SARAIVA, 2003, p.201)

No enquadramento social o ritual conserva ideias ou imagem do passado e faz aliança com presente que nós apoiamos, “Assim, o ritual focaliza a atenção por enquadramento; ele anima a memória e liga o presente com o passado relevante. Em tudo isto, ajuda a percepção”. (DOUGLAS, 2010, p.82)

Normalmente no momento do interrogatório “Consoante as perguntas que lhe vão sendo posta a tumba desloca-se para frente ou para trás, arrastando consigo os homens que a suportam, interpretando-se os movimentos correlativos como respostas positivas ou negativas” (SARAIVA, 2003, p.201). De acordo com a sociedade papel, o movimento feito para as pessoas que carrega o corpo representa os significados que ajuda identifica a causa da morte.

As crenças religiosas expressam a consciências que a sociedade tem de se mesma; a esturra social é creditada como poderes punitivos que mantém existente. (DOUGLAS, 2010, p,126)

De acordo com o autor é notado também em certos casos que morte é causada por irã, por falta de honrar os seus próprios compromissos que tinha feito com irã e não cumprir é por isso que dá origem a sua própria morte vingado do irã. “Vai-se também muitas vezes ao irã pessoal ou ao da morança, para se saber se o agente da morte foi o próprio irã. Acontece em certos casos o irã indicar que foi ele o causador da morte, pôr o defunto (a) não ter cumprido qualquer promessa (torna boka, cr.), ou não haver atendido os sinais divinos a solicitarem que se submetesse a rónias específicas, por exemplo, uma indicação do irã para que alguém se torne djambakós ou balobero

Semedo refere que o “Iran é o espírito sagrado, protetor das famílias e de suas linhagens, mas que pode ser implacável nas punições aos que não cumprem com a promessa feita a ele” (SEMEDO, 2010 p.116). Asmantas vermelhas ou barcas, garrafas de cachaças, garrafas de vinho, cordas tudo isso encontrado num sitio simboliza que tem um espírito sagrado naquele lugar. O espírito sagrado não gosta das pessoas que não cumprir o combinado com ele, ele logo da punição de morte sem pensar.

**Figura 4** - Iran de N'kugã



De com Munanga (1996), planeta é um junção de várias forças hierarquizadas por uma afinidade de potencias ou energia fundamental, conjuntos dessas forças ou energias são nascente de Deus criador, que são espalhadas pelo mundo em autorização de menor aos antepassados e as mortes que pertence o mundo grandioso, depois vem o mundo dos vivos com afinidade de organização pelos reis (régulos) de tabancas ou aldeias e em fim o mundo dos animais:

O mundo é um conjunto de forças hierarquizadas por uma relação de energia ou força vital. Essa energia ou força vital, cuja fonte é o próprio deus criador, é distribuída em ordem decrescente aos ancestrais e defuntos que fazem parte do mundo divino; em seguida ao mundo dos vivos, numa relação hierárquica, começando pelos reis, chefes de aldeias, de linhagens, pais e filhos; e finalmente ao mundo animal, vegetal e mineral (MUNANGA, 1996, p.62)



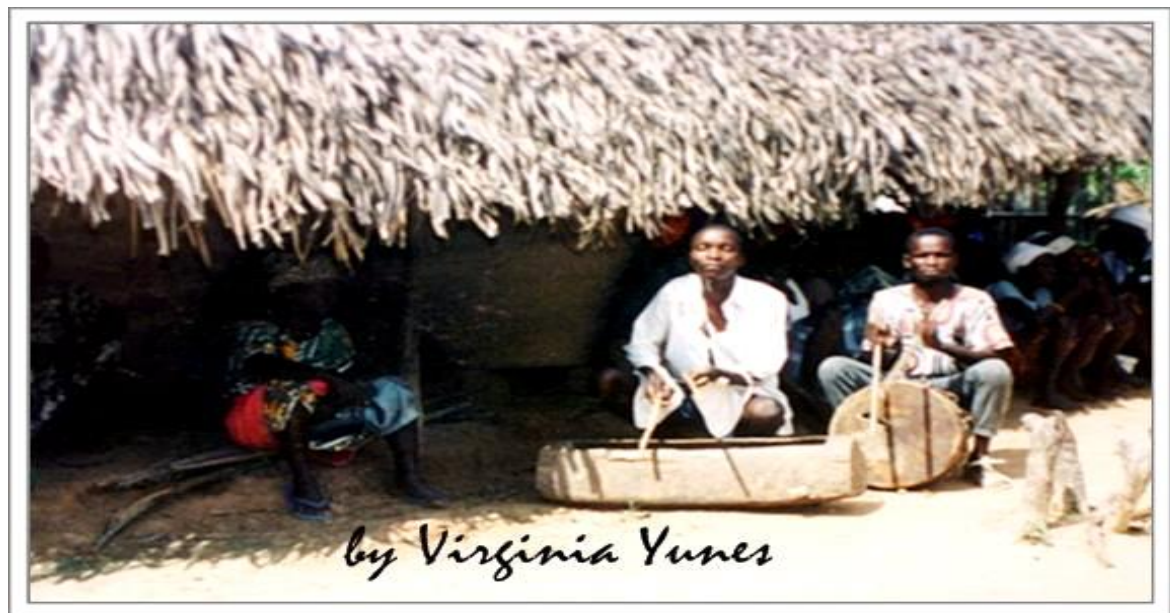
Segundo Munanga (1996), sempre o homem se relaciona com a natureza criada por deuses, através da ligação com os ancestrais, os mortos das linhagens, eles sempre contribuem de indireta nas nossas vidas numa forma melhor para fortalecer a energia, nos dão saúde, riquezas, poder, trabalhos, pode ser também no sentido ruim nas doenças, morte, pobreza etc.; reduzindo a força da energia:

Qualquer ser humano é colocado numa relação de forças vitais, algumas mais desenvolvidas do que a sua própria força. Essas forças mais desenvolvidas são o próprio deus, os antepassados, os defuntos da linhagem, da família; são os pais, feiticeiros, bruxos, etc. Elas podem influenciar a sua vida no bom sentido (saúde, riqueza, poder, promoção na profissão, etc.), aumentando a sua força vital, ou no mau sentido (doença, morte, pobreza, insucesso na profissão, etc.), diminuindo a sua força vital. Por isso, o culto aos ancestrais, num mundo criado por um deus que dele se distanciou, constitui o aspecto mais observável da cosmovisão bantu sem se reduzir a ele. (MUNANGA, 1996, p.63)

## 6 CAPITULO 5 - TOQUE DE CHORO (TOKA TCHUR)

A cerimônia sempre de “Toque a choro- pautado pelo toque dos tambores rituais, e envolve a imolação e o derrame de sangue dos animais, comensalidades alargadas e processo divinatório específicos” (SARAIVA, 2003, p.183). No toque de choro são usados alguns instrumentos tais como: bombolon, tambor e ondam. No decorrer da cerimonia de toque de choro ouve sempre uma grande manifestação da parte dos familiares, parentes, amigos, netos, filhos (karmussa) manifestação da cerimônia e sempre ficam gritando o apelido do difundo, a correr de lado para outro.

**Figura 5** - Toque de choro



Fonte: Virginia Yunes disponível em: <http://virginia-yunes.blogspot.com/p/guine-bissau.html>.

Acesso 28 nov 2016.

E no rito da passagem do toque de choro o tecido (pano) preto amarado na cintura do indivíduo simboliza filhos, parentes, sobrinho/a, que vão oferecer uma oferenda de “vaca”, porque só quem tem uma vaca para dar oferenda que tem o direito de usas o tecido (preto) que vai ser sacrificado na cerimônia de toque de choro:

Quando, entre membros da mesma comunidade e conhecedores desses preceitos, a linguagem é a mesma, os códigos são facilmente entendidos e decodificados. Portanto, as condições de produção de panos são condicionadas não só pelo contexto social, histórico, mas também pelo ideológico; e são esses contextos que condicionam os códigos e o grau de sua compreensão (SEMEDO, 2010, p.107)

De acordo com o Reis, os cultos funerários é o espaço entre o vivos e mortos, são alianças que os vivos prestam para os mortos para o mundo universal. Entre o espaço e aliança os mortos sempre ficam em fronteira à espera dos vivos autorizarem a passagem deles:

Dividiu as cerimônias funerárias em ritos de separação entre vivos e mortos, e ritos de incorporação destes últimos a seu destino no além. Entre a separação e a incorporação, o morto ficaria no limite entre o aqui e o além, uma espécie de parêntese existencial a ser ritualmente preenchido pelos vivos (REIS, 1991/92, p.89).

Os rituais preenchidos pelos vivos nesse caso:

Tokatchur - é o garante do correto posicionamento do defunto no mundo do além, e sem a sua realização sérios perigos impendem sobre os sobreviventes. Há por isso todo o interesse em conseguir realizar a segunda parte dos rituais o mais rapidamente possível (SARAIVA, 2003, p.184).

É uma passagem do morto para vida dos ancestrais, que é encarregado pelos familiares do morto, ou seja, é um direito dos familiares, sem essa cerimônia realizada por parte dos familiares gera um grande perigo para “djorson”. E por isso é importante realizar segunda parte da cerimônia, porque sem realização da cerimônia do seu morto de parte dos filhos do morto não tem acesso de participar ativo nos choros dos outros, porque dele não está feito.

Para realizar a segunda parte da cerimônia normalmente tem de fazer análises com um galo, e depois consultar o régulo se o régulo concordar pode já chamar o responsável do bombolon para dar o início da cerimônia. Clara Saraiva se refere assim o processo:

Realiza-se o primeiro ato divinatório diretamente relacionado com a morte: mata-se um galo e analisam-se as gónadas da ave. Como anteriormente se viu, se os testículos estão pretos, é uma indicação de que o tokatchur não pode ser realizado na sequência da inumação, e ele é adiado. Se os testículos estão claros e não outros impedimentos que levam a protelar a realização do tokatchur, vai-se pedir permissão ao régulo para dar o início às cerimônias e manda-se char o tocador do bombolon. Logo que seja obtida a aprovação do régulo e que o tocador chegue, o tokatchur tem início (SARAIVA, 2003, p.195).

Para dar abertura oficial da cerimonia primeiramente sacrifica um galo para ver umbigo do galo, se umbigo do galo se apresentar branca significa que vai ter cerimônia

realizada, daí poder chamar o responsável de toque do bombolom para dar o início a cerimônia oficial e se apresentar preta significa falta uma coisa atrás que não é resolvido ainda.

Quanto mais elevado por estatuto social de defunto mais faustosas devem ser as celebrações: no tokatchur de um omigaradimantan-se muitos animais e consomem-se grandes qualidades de comida e bebidas, cuja compra e preparação é da responsabilidade dos organizadores das cerimônias (SARAIVA, 2003, p.186).

Neste caso do homis (homens mais velhos ou mulheres velhas) nas cerimônias houve sempre uma festa na hora da morte deles/as da parte do familiares e comunidade, um homem velho ou mulher velha já viveu uma boa parte da sua vida, que a morte dele/a não tem tanto peso assim para os familiares e comunidade em que está inserido o indivíduo, a cerimônia é feita onde matava muitas animais e consumo de bebidas e comidas para acompanhante de choro.

As vezes os familiares ficam á anos para conseguir engratear fundos para realização da cerimônia dos seus defuntos:

Muitas vezes as famílias estão anos a espera para conseguirem os meios para a realização do “toque a choro” do seu ou dos seus mortos. Enquanto isto não for feito, impendem sobre os vivos graves perigo, pois o morto sente-se preterido, abandonado pelos entes queridos sobreviventes, e pode isso alerta-los para os seus deveres não cumpridos ou vingar-se no caso de não haver causa justificada para a não concretização dos rituais e este não terem, todavia, lugar (SARAIVA, 2003, P.186).

Devido as condições apresentadas por partes dos familiares por falta dos meios para realizar um rito de passagem que é toque de choro, para garantir um espaço no mundo do além para a alma do defunto descansar em paz. Sem esse cerimonia não for feito por familiares gera um grande ameaça pôr do defunto morto no mundo do além, a alma do defunto manifesta contra os próprios familiares e pode obrigar vários acontecimentos como desentendimento no seio da família, falta do emprego para família porque não cumpro a vontade da alma do defunto.

Sabemos que na sociedade de papel cada moransa tem sempre um responsável máximo e as linhagens de cada djorson. Antes de resolver a gestões de toque de choro obrigatoriamente tem que consultar o responsável da moransa e da sua linhagem e depois fazer ritual

Há certas coisas que não podemos experimentar sem ritual. Eventos que vem em sequencias regulares adquirem uns significados da relação com outros eventos na sequência. Sem a sequência inteira, os elementos individuais perdem-se imperceptíveis (DOUGLAS, 2010, p.82)

A dificuldade também influencia em cada família ou em cada (djorson) linhagem, na hora do resultado da consulta de (djambakus) pai do santo ou (balobeira) mãe do santo, Clara Saraiva refere

Essa situação relaciona-se igualmente com a posição relativa de cada um no seio da mers e da djorson. Por exemplo, um testículo escuro indica uma negativo dos antepassados porque o tokatchur dos progenitores do defunto ainda não teve lugar. Esta é, alias, uma da razão que leva as pessoas a apressarem a realização das cerimónias dos pais, já que correm o risco de, se o não fizerem e entretanto falecerem, não ser possível o comprimento dos seus próprios rituais fúnebres (SARAIVA, 2003, p.187).

Há certos casos que proíbe no meio da linhagem, normalmente se o choro da mãe da minha mãe ou do pai do meu pai que são meus avós não é realizado significa que no dia que a minha mãe morrer ou meu pai morrer ninguém pode realizar cerimonia de toque de choro deles deixar por atrás dos pais deles, a única coisa que pode ser feita é realizar o primeiro toque choro dos pais deles e segundo vem o toque choro de filho de deles ou juntar e fazer duma vez só a cerimonia de toque de choro.

O ritual focaliza a atenção por em quebramento, ele anima a memória e liga o presente com o passado relevante. Em tudo isto, ajuda a percepção. Ou melhor, muda a percepção porque muda os princípios seletivos. (DOUGLAS, 2010, p.82)

O ritual não somente nos ajuda a selecionar experiência para concentrar a atenção. Também é criativo quando ao nível de desempenho. Pois um símbolo exterior pode misteriosamente ajudar a coordenação do cérebro e do corpo. As narrativas dos autores frequentemente relatam casos em que um símbolo material exatamente como quer interpreta-lo. (DOUGLAS, 2010, p.81)

Depois de morrer alma fica solta sem o destino para onde ir, para controlar ou calmar se alma é através de ritual de passagem que vai garantir o espaço dele no mundo do além. “Em ambos os casos há forças poderosas a soltar que é necessário controlar, o que só se consegue através dos rituais de tokatchur, que vão permitir à alma ascender ao mundo dos mortos” (SARAIVA, 2003, p.187).

Os papeis considera quando um alguém morre que a alma fica no limite, na espera de passagem para o mundo do além, o toque de choro só que garantir essa

passagem para o morto, se não for realizado sempre volta à terra fica cobrando familiares dele as vezes um sobrinho fica doente, filho perde emprego ou sobre um acidente são várias formas dos sinais que o morto mostra para familiares, até no que a cerimonia for realizado Clara Saraiva refere

Como foi referido (ver supra, o mundo dos mortos) enquanto o tokatchur não for realizado a alma vagueia por um espaço não controlado pelo vivos nem pelos antepassados: o defunto está em limbo e, se já não pertence a um mundo, ainda não assumiu o seu lugar pleno no outro, e é desta situação mal definida, ambígua, que decorrem os perigos de deixar à solta as capacidades extraordinárias de relação com o mundo sobrenatural que um bopéné tinha enquanto vivo. Note-se que para a efetivação de qualquer tokatchur os antepassados têm obrigatório de ser consultados e, no caso dos ritualistas, para além do referido oráculo do galo, também se realizam ritos divinatórios juntos aos símbolos materiais dos poderes sobrenaturais que eles tutelavam: nos djambakoses, junto do seu irã; nos baloberos, baloba, nos oficiantes de kansaré, no alpendre da tumba. (SARAIVA, 2013, p.188)

A sociedade papeis considera que sem ritual de passagem não garante a estabilidade no mundo do além a alma fica sempre em beira de fronteira na espera dos vivos garantirem a passagem dele para o além. Mas antes de garantir a passagem do defunto para o além tem de seguir as normais de acordo com tradição exige por exemplo consultar o primeiro aos ancestrais, irã diferentes e dar oferendas e depois marcar o dia da cerimônia.

A sociedade papel sempre preserva a cultura e sempre a ligação com ancestrais muito fortes e cuidar também sempre dos locais sagrados baloba, irãns inseridos nos motos tanto de casa e valorizar baloberos que são sempre mensageiro de ancestrais.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção deste trabalho permitiu um olhar reflexivo sobre temas ritos funerários da etnia papé do biombo, baseado em diferentes trabalhos de pesquisas dos livros, tese, artigos com muitas dificuldades para encontrar vários documentos relacionados ao tema para alimentar o meu trabalho, com objetivo de compreender e analisar o ritual feito por papéis do biombo na cerimônia de choro, interrogatório do cadáver e toque de choro. O primeiro capítulo refere, situação geográfica de região de biombo e modo de vida dos papéis do biombo, que é uma pequena região com número de população total de 97.120 pessoas, fica situado no norte de país, em fim o responsável máximo é liderado por régulo.

Em quanto o segundo capítulo sobre a morte, como uma passagem para todos os seres vivos que não tem dia nem a hora da morte, a morte não escolhe a idade tanto mais velhos e com as crianças, em suma que acabamos morte morrer com um evento universal. Terceiro capítulo, choro para os papéis é o defunto em diferentes fases de processo da cerimônia do choro, lavagem do corpo, vestir o cadáver com panos (tecidos), julgamento do defunto, inteiro do defunto e que termina com o ritual da passagem que é toque do choro.

Quarto capítulo, o interrogatório do cadáver é forma de compreender a razão da morte, o defunto é colocado dentro de um djongago carregados por quatro pessoas dois em frente dos à trás e um alguém que vai interrogar o cadáver depois do interrogatório por fim levar o cadáver a sepultura final.

E o quinto capítulo, toque de choro pautados por toques de bobolom, tambor e ondám, organizados por familiares do defunto para garantir a passagem da alma para o mundo de além e último sacrificar os animais para dar oferendas os ancestrais.

## REFERÊNCIAS

BELLATO, Rosenev, and EC de Carvalho. "O jogo existencial e a ritualização da morte." *Rev Latino-am Enfermagem* 13.1 (2005): 99-104.

CROSSETTI, Maria da Graça de Oliveira. *Processo de cuidar: uma aproximação à questão existencial na enfermagem*. 1997. Diss. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem)-Curso de Pós-Graduação em Enfermagem–REPENSUL. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

DOS SANTOS, Manoel Antônio, and Marília Hormanez. "Atitude frente à morte em profissionais e estudantes de enfermagem: revisão da produção científica da última década." *Revista Ciência & Saúde Coletiva* 18.9 (2013).

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. 2.ed. São Paulo: perspectiva, 2010  
Frumi, Cailene, and Kátia Lilian Sedrez Celich. "O olhar do idoso frente ao envelhecimento e à morte." *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano* 3.2 (2006).

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. Companhia das Letras, 1991.

SARAIVA, Clara. "Rituais funerários entre os Papeis da Guiné-Bissau (Parte I)." *Soronda, Revista de Estudos Guineenses* 6 (2003): 179-210.

SIMÕES, Landerset, and Norton de Matos. *Babel negra: etnografia, arte e cultura dos indígenas da Guiné*. 1935.